

## A INTERCULTURALIDADE NA DISCIPLINA DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

---

Angela Luiza Lago<sup>1</sup>

Rosani Mary Lopes<sup>2</sup>

Patrícia Helena Rubens Pallu<sup>3</sup>

### RESUMO

Este estudo tem por objetivo verificar se a interculturalidade está sendo abordada nas aulas de língua inglesa no Ensino Fundamental II, partindo da reflexão sobre a importância do inglês no cenário mundial, como língua de contato entre os diversos povos. Estudos realizados por pesquisadores que defendem o ensino da cultura no aprendizado de uma língua estrangeira embasam a relevância da pesquisa. As diretrizes apontadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Estrangeira também ajudam a sustentar a pertinência deste estudo. A pesquisa utilizará um questionário como instrumento de investigação, destinado a professores de língua inglesa do Ensino Fundamental II, de escolas públicas e particulares de Curitiba e região metropolitana. As informações coletadas ilustram a situação atual da abordagem intercultural no ensino do inglês e indicam a relevância da investigação no sentido de melhorar a compreensão dessa língua nas trocas comunicativas.

Palavras-chave: Interculturalidade. Língua Inglesa. Ensino Fundamental II.

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Letras/Português-Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: ang\_lago@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Aluna do curso de Letras/Português-Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: lopesrosani@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador da pesquisa. Mestre em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Graduada em Letras/Inglês pela UFPR. Professora da disciplina de Língua Inglesa na FAE Centro Universitário. *E-mail*: patricia.pallu@fae.edu

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema a abordagem da interculturalidade na disciplina de língua inglesa no Ensino Fundamental II (EF II), período no qual se inicia, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para Língua Estrangeira (LE), o ensino/aprendizado de uma LE. Para tanto, parte da delimitação desse objeto de estudo considera como personagens, os professores de inglês do EF II, de escolas públicas e particulares de Curitiba, que formalmente são os responsáveis pela transmissão do conhecimento da língua inglesa

Pelo caráter hegemônico que o inglês ocupa no cenário internacional, sendo utilizado como língua de contato entre os diversos povos, é imprescindível que a abordagem da interculturalidade seja contemplada no conteúdo da disciplina de língua inglesa do Ensino Fundamental II, visto que, a grande maioria dos que a usam nas trocas comunicativas não são nativos. Assim sendo, busca-se saber se os professores de inglês do EF II estão de fato considerando a interculturalidade no ensino/aprendizagem desta língua. É provável que o desconhecimento do conceito de interculturalidade por parte dos professores ou o curto tempo de aula para desenvolver assuntos relacionados à cultura sejam alguns dos fatores que impedem a abordagem intercultural no ensino de língua inglesa no EF II.

Cogitando a hipótese de que a abordagem intercultural não está sendo considerada no ensino/aprendizagem do inglês no EF II, o objetivo geral deste projeto é analisar quais são os reais empecilhos para a inclusão deste conteúdo nas aulas de língua inglesa. Por meio de instrumentos de investigação que forneçam informações sobre suas variáveis, os objetivos específicos são: identificar o nível de compreensão que o professor de inglês do EF II tem sobre interculturalidade; conhecer o grau de importância dado pelos professores de inglês a aspectos como gramática, pronúncia, interculturalidade, interpretação e produção de texto no ensino dessa língua; e saber se os materiais didáticos abordam a interculturalidade em seus conteúdos.

A relevância desse assunto se confirma de maneira significativa ao perceber que o conhecimento e a aceitação de padrões de comportamento diferentes possibilitam a redução de conflitos, na medida em que se exercita cada vez mais a tolerância entre os indivíduos.

Feita esta breve introdução, dá-se continuação à apresentação do trabalho, que se divide em 7 capítulos. No capítulo 2 é apresentado o conceito de cultura, segundo a concepção de autores como Terry Eagleton (2000), Roque de Barros Laraia (2009), Claire Kramsch (2009 / 1998), Marilena Chauí (2008) e Margaret Mead (2001). No subcapítulo 2.1 é feita uma reflexão sobre a relação existente entre língua e cultura, apoiada nos estudos realizados por Ferdinand de Saussure (2000), Stuart Hall (1997), Andressa Brawerman-Albini, Maristela Werner, Cynthia Martinez (2018) e Irlandé Antunes (2007).

Compreendendo então, que língua e cultura são inseparáveis, no capítulo 3 busca-se mostrar a importância da abordagem intercultural no ensino do inglês, sob a ótica dos pesquisadores Michael Byram (1989), ClaireKramersch (1993), Telma Gimenez (2006), Andressa Brawerman-Albini, Maristela Werner e Cynthia Martinez (2013), considerando também, as diretrizes apontadas pelos PCNs (1998) para o ensino de língua estrangeira no EF II.

O uso das tecnologias educacionais como prática facilitadora na interação entre diversas culturas é explorado no capítulo 4, partindo da visão de Vera Dodebei (2010), Mariza Rotta e Everton Batistela (2012).

Observando os vários elementos a serem considerados nas aulas de inglês, são apresentadas no capítulo 5, algumas propostas realizadas com alunos do curso de Letras de universidades públicas brasileiras, que foram registradas por Andressa Brawerman-Albini e Valéria da Silva Medeiros (2013), no sentido de demonstrar a importância da abordagem intercultural na formação de professores de língua inglesa.

Como processo metodológico para verificar o objetivo geral e os específicos, utilizou-se a pesquisa do tipo descritiva, que, segundo Gil (2002, p. 46), “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno”, e também qualitativa, que “busca, basicamente, levantar as opiniões, as crenças, o significado das coisas nas palavras dos participantes da pesquisa” (VIEIRA, 2009, p. 5-6). A análise desta pesquisa, realizada entre os dias 24 de março e 02 de maio de 2017, por meio da aplicação de questionário eletrônico, encontra-se no capítulo 6.

Por fim, no capítulo 7 são delineadas algumas considerações sobre o trabalho em sua totalidade. O formulário, com doze questões de múltipla escolha de preenchimento obrigatório e um campo de observação de preenchimento facultativo, foi encaminhado por *e-mail* para, aproximadamente, 60 professores do Ensino Fundamental II, de escolas públicas e privadas de Curitiba e região metropolitana, tendo a devolutiva de 36 (60%).

## **1 O QUE É CULTURA**

Cultura e língua são elementos inseparáveis, mas nem sempre se tem a noção da relação existente entre elas, pois parecem fazer parte da natureza ou da essência do ser humano, como qualquer função vital. De fato, sabe-se que o ser humano é um ser social, que precisa compartilhar conhecimentos para poder desenvolver-se. E para viver em sociedade é necessário partilhar também de uma língua, de forma que seja possível estabelecer uma comunicação entre os indivíduos. Quando esses sujeitos se

identificam por meio da língua e reconhecem as similaridades na forma de perceber e produzir significados das coisas do mundo, eles também moldam uma cultura. Portanto, é impossível pensar em cultura e não fazer a ligação com a língua.

No momento em que indivíduos de culturas distintas estabelecem contato, tem-se o que se denomina de interculturalidade. Essa interação deve acontecer de forma horizontal, ou seja, compreendendo que não existe cultura melhor ou pior, mas simplesmente diferente. Com esse entendimento, a comunicação entre os sujeitos ocorrerá baseada no respeito, na negociação e na tolerância, tendo como premissa, a igualdade de direitos.

Observando a importância da diversidade cultural para o desenvolvimento social no mundo globalizado, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) publicou, em 2001, a *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*, na qual utilizou a definição de cultura, cunhada em 1982, na Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (MONDIALCULT), realizada no México:

A cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (BRAWERMAN-ALBINI; MEDEIROS, 2013, p. 10).

É importante perceber que essa definição só pode ser desenvolvida por intermédio do uso da língua. Sem ela, não haveria como transmitir o conhecimento, as experiências, enfim, a cultura.

## 1.1 LÍNGUA E CULTURA

Tão difícil quanto definir um termo complexo como *cultura* é explicar um elemento aparentemente simples como *língua*. As pessoas usam a língua o tempo todo, como forma de comunicação, de transmissão de conhecimentos e de ideologias. Este texto, por exemplo, foi elaborado e compreendido por meio do domínio do sistema linguístico, ou seja, ele só tem sentido se escritor e leitor compartilharem o conhecimento da língua. Porém, se alguém pergunta o que é língua, é preciso refletir para elaborar uma resposta coerente.

Mas, graças a pesquisadores que tomaram a língua como objeto de estudo, já é possível descrevê-la com bases científicas. Considerando suas particularidades, como a estrutura e a maneira como ela é utilizada nas diferentes sociedades, linguistas traçaram uma quantidade significativa de conceitos e teorias sobre ela. E é impossível pensar em

língua e não fazer referência ao precursor da linguística moderna, o suíço Ferdinand de Saussure que, analisando o processo de construção dos significados, concluiu que “não existem ideias preestabelecidas [sic], e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (SAUSSURE, 2000, p. 130). Com essa afirmação, entende-se que a compreensão das coisas físicas ou abstratas do mundo não está pronta na mente das pessoas e também não acontece por acaso, mas é adquirida por meio da língua. Basta pensar que as crianças não nascem sabendo o significado da palavra mãe, por exemplo. Na verdade, elas nem conhecem a palavra. Mas é por intermédio do conhecimento gradativo da língua que elas constroem pouco a pouco o conceito ou a representação de tudo que está ao seu redor.

É difícil perceber a influência da cultura na língua materna, uma vez que o indivíduo vai aprendendo a língua na proporção em que se envolve cada vez mais com a cultura nativa. Mas, na aquisição de uma língua estrangeira, a lacuna entre língua e cultura é mais evidente. Por isso, Kramsch (2000), afirma que:

*Teaching English as culture means showing the students how grammar and vocabulary express, construct and are a metaphor for the social and cultural reality of an English-speaking world (HALLIDAY, 1978; KRAMSCH, 1998), and how idiomatic expressions say something about the general mindsets and beliefs of native speakers of English (LAKOFF; JOHNSON, 1980)<sup>4</sup>.*

## 2 A INTERCULTURALIDADE NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Estrangeira apontam que “os primeiros contatos com a aprendizagem de inglês de maneira formal, sistematizada, ocorrem para a maioria dos nossos alunos, no início do terceiro ciclo” (BRASIL, 1998, p. 53) – que começa no 6º ano do novo programa de nove anos para o Ensino Fundamental – ou na 5ª série do antigo regime de oito anos – o que corresponde ao que se denomina Ensino Fundamental II. O documento elaborado para o ensino de uma LE apresenta orientações pautadas na psicologia da educação e em teorias linguísticas específicas para explicar como as pessoas aprendem, influenciadas pelas visões behaviorista, cognitivista e a sociointeracional (BRASIL, 1998, p. 55).

Na proposta dos PCNs, também são evidenciados como pontos centrais para a formação do aluno: a cidadania, a consciência crítica em relação à linguagem e os aspectos sociopolíticos deste processo (BRASIL, 1998, p. 24). Esses elementos,

---

<sup>4</sup> Ensinar inglês como cultura significa mostrar aos alunos como a gramática e o vocabulário expressam, constroem e são uma metáfora para a realidade social e cultural do mundo dos falantes de língua inglesa (HALLIDAY, 1978; KRAMSCH, 1998), e como expressões idiomáticas dizem algo sobre as ideologias e crenças dos falantes nativos (LAKOFF; JOHNSON, 1980) (tradução livre).

articulados com temas transversais, que têm como foco questões de interesse social, proporcionam ao aluno, via aprendizado de LE, a possibilidade de perceber os vários pontos de vista sobre assuntos diversos, ao defrontar-se com outras culturas e outras interpretações de mundo.

A aprendizagem de Língua Estrangeira oferece acesso a como são construídos os temas propostos como transversais em práticas discursivas de outras sociedades. É uma experiência de grande valor educacional, posto que fornece os meios para os aprendizes se distanciarem desses temas ao examiná-los por meio de discursos construídos em outros contextos sociais de modo a poderem pensar sobre eles, criticamente, no meio social em que vivem (BRASIL, 1998, p. 43).

Um tratamento especial foi dado pelos PCNs ao tema *Pluralidade Cultural* no ensino de LE, a fim de que, ao ser exposto às diversidades existentes dentro de uma sociedade específica, o aluno possa desfazer falsas generalizações de culturas ou povos, que frequentemente são apresentadas nas aulas de Língua Estrangeira. Nesta lógica, a abordagem de temas transversais envolvendo diversos grupos sociais é:

algo extremamente enriquecedor para o aluno, que constrói uma compreensão mais real do que é a complexidade cultural de um país e também uma percepção crítica das tradicionais visões pasteurizadas e unilaterais de uma cultura (por exemplo, as visões tradicionais de que os ingleses tomam chá às cinco horas da tarde ou de que são todos extremamente polidos (BRASIL, 1998, p. 48).

Considerando a importância que a língua inglesa ocupa no mundo, as aulas de inglês podem e devem ser planejadas não só para aprender a estrutura, a gramática, o sistema linguístico, mas também para compreender a pluralidade cultural dos povos que a utilizam como meio de comunicação. A verdade é que não se pode focar o aprendizado do inglês em uma única nacionalidade, sem considerar as tantas outras que fazem uso desta língua, seja como L1, L2 ou LE.

E as vias de conhecimento de outras culturas não se restringem às inúmeras mídias sociais. Os jornais, os filmes, os documentários e os diversos programas televisivos, acessíveis à grande parte da população mundial, também são fontes de dados, de panoramas, de padrões de vida e de comportamento de outros povos. Portanto, o professor pode e deve utilizar esses meios para enriquecer o conteúdo de suas aulas, tornando-as mais atraentes e com propósito verdadeiro, ou seja, para que o aluno consiga visualizar a importância da aprendizagem da língua inglesa para a sua vida, para o seu desenvolvimento como indivíduo e cidadão do mundo. Entender ou interpretar um fato, uma situação considerando as circunstâncias que o rodeiam, com o objetivo de ensinar o sistema da língua, significa ir além da gramática e dos exercícios entediantes que acabam por desestimular os alunos.

### 3 TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E O ENSINO DA INTERCULTURALIDADE

Desde o surgimento da internet no Brasil, o acesso à informação cresceu e continua crescendo significativamente, possibilitando que pessoas de diferentes culturas tenham acesso ao mesmo conteúdo. Como consequência desse avanço tecnológico, ocorreram diversas mudanças na sociedade, principalmente no que se refere ao espaço escolar. Com isso, professores e alunos tiveram que se adaptar à nova realidade voltada para uma educação tecnológica. Segundo Rotta e Batistela (2012):

Analisar a educação tecnológica como um novo diferencial no processo de ensino aprendizagem é uma forma de contribuição para o meio pedagógico. Mesmo que de forma modesta se torna um novo mecanismo capaz de criar uma força sensibilizadora e atrativa para a qualificação dos professores e à utilização das novas tecnologias de informação e comunicação na educação, tornando-se ferramenta que abrange grandes potencialidades. (ROTTA; BATISTELA, 2012, p. 02)

Para o ensino de uma língua estrangeira, as diversas tecnologias, a grande quantidade de informações disponíveis, além da rapidez com que é possível acessá-las, tanto por professores quanto por alunos, podem tornar a aula um espaço mais dinâmico e interativo. Para Lopes (2010, p. 05), a tendência é que se intensifiquem novas tecnologias no ensino de língua estrangeira, sendo praticamente impossível desvincular o mundo virtual de um ambiente de aprendizagem escolar. A internet, por exemplo, abre caminho para que os alunos convivam com diferentes culturas, seja por meio de notícias, jogos, plataformas online ou sites que possibilitam o contato com falantes nativos dos mais diversos idiomas. De acordo com Dodebei et al (2010) “a Internet pode se apresentar enquanto um veículo dialógico intercultural, gerador de práticas ciberculturais, construídas por sujeitos pertencentes a estruturas socioculturais diversas”.

Diante desses fatos, é inquestionável a contribuição de tecnologias na área educacional, principalmente no ensino da língua inglesa. *Tablets*, celulares, jogos, redes sociais, plataformas, sites, vídeos, músicas, entre outros, são grandes aliados para que se estabeleça as ligações entre a aprendizagem da língua inglesa e a interculturalidade, possibilitando que o aluno não se restrinja apenas ao aprendizado técnico da língua, mas tenha contato com as diversas relações possíveis de serem estabelecidas por meio dela (língua).

## 4 A INTERCULTURALIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA

Tudo o que foi exposto até aqui, demonstra a importância da abordagem intercultural no ensino/aprendizado de uma língua estrangeira, e mais precisamente, da língua inglesa, amplamente adotada nas práticas comunicativas por povos das mais variadas culturas.

A tarefa de explorar e transmitir, de maneira apropriada, a bagagem cultural que uma língua carrega é bastante complexa e exige que o educador tenha consciência do seu trabalho como pesquisador e facilitador da compreensão do conteúdo a ser internalizado por seus aprendizes. Sobre esse importante trabalho, Kramsch (1993, p. 13, *apud* BRAWERMAN-ALBINI; WERNER; MARTINEZ, 2013) observa que: *“the educational challenge is teaching language ‘as context’ within a dialogic pedagogy that makes context explicit, thus enabling text and context to interact dialectically in the classroom”*<sup>5</sup>.

Essa afirmação indica que, se o professor conseguir relacionar o contexto com a aquisição da língua, de modo que seus alunos entendam a relevância do aprendizado da LE, certamente isso despertará neles o interesse pelo conhecimento da língua-alvo. Para isso, é necessário que os futuros docentes busquem olhar o “outro” com empatia, sem julgamentos ou pré-conceitos, para não cometer o erro de criar falsos estereótipos. Assim, quando estiverem atuando em sala de aula, eles serão capazes de fazer com que seus aprendizes reflitam sobre as diferenças culturais de maneira positiva, respeitando as opiniões, as formas de comportamento e de expressão adversas.

Uma proposta interessante, visando melhorar a qualidade na formação dos futuros professores de inglês (discentes do curso de Licenciatura em Letras) e ao mesmo tempo oferecer uma rica vivência a jovens norte-americanos recém-graduados, com alguma experiência em ensino de inglês, foi registrada no livro “Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira” (2013), que tem como organizadoras, as professoras Andressa Brawerman-Albini e Valéria S. Medeiros.

O livro é um compilado de relatos advindos de avaliações de um programa realizado durante os anos de 2011 e 2012, com Instituições de Ensino Superior (IES) público. Essas instituições foram selecionadas, por meio de edital, para participar do *Programa de Assistente de Ensino de Língua Inglesa para Projetos Institucionais* em parceria entre os Estados Unidos da América e o Brasil (Comissão Fulbright) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>5</sup> O desafio educacional é o ensino da linguagem “como contexto” dentro de uma pedagogia dialógica que torna o contexto explícito, permitindo assim que o texto e o contexto interajam dialeticamente na sala de aula (tradução livre).

A troca de experiências entre bolsistas americanos e acadêmicos brasileiros produziu resultados muito positivos para o desenvolvimento de várias habilidades daqueles que seriam os futuros professores de inglês, assim como a “aquisição de uma consciência cultural que não se dissocia do ensino de línguas estrangeiras” (BRAWERMAN-ALBINI; MEDEIROS, p. 10).

Essa é realmente uma tarefa que exige muito do educador. Mas, se ele conseguir despertar nos seus alunos, a vontade de pesquisar mais sobre situações envolvendo a língua que estão aprendendo, todo o trabalho terá sido infinitamente recompensado.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS NA PESQUISA

A partir deste tópico serão apresentados os dados obtidos na pesquisa e suas respectivas análises, considerando sua natureza primária, visto que as informações foram recolhidas com o objetivo de fazer parte deste trabalho.

Inicialmente, ressalta-se o perfil dos professores que responderam à pesquisa, considerando o local de atuação: 83,33% ministram aulas de língua inglesa em escolas na rede privada, apenas 16,67% na rede pública, e nenhum indicou atuar nas redes pública e privada concomitantemente.

De acordo com os dados, dentre os respondentes: 52,8% dos professores possuem algum tipo de pós-graduação (5,6% aperfeiçoamento, 44,4% especialização e 2,8% mestrado), 33,3% possuem graduação completa e apenas 13,9% ainda não se graduaram.

Não houve a escolha de entrevistar apenas os professores que concluíram a graduação, por ser um dado restritivo para a pesquisa, pois existem professores na rede estadual de ensino, no Estado do Paraná, que participam de processos seletivos simplificados, em que não é exigida formação em Letras, mas sim graduação em qualquer área e certificado de proficiência na língua estrangeira pretendida, conforme pode ser observado no Anexo I do Edital n.º 58/2016 – GS/SEED, da Secretaria do Estado da Educação do Paraná:

FIGURA 1 – Anexo I do Edital n.º 58/2016 – GS/SEED

Etapa 2	Língua Estrangeira Moderna Professor de língua estrangeira nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio e EJA Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, Japonês, mandarim, Polonês e Ucrâniano	Curso de Licenciatura na disciplina de inscrição; Acadêmico de curso de licenciatura na disciplina de inscrição; – Possuir proficiência (Anexo II - quadro 1) na língua estrangeira para graduado ou acadêmico em outros cursos superiores – Para nativos na língua estrangeira, ser graduado ou acadêmico em qualquer curso superior e comprovar escolaridade mínima em nível médio no país de origem	Todos os municípios do estado do Paraná e todos os setores NRE de Curitiba
------------	---	---	--

FONTE: [http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/editais/2016/edital58\\_2016gsseed.pdf](http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/editais/2016/edital58_2016gsseed.pdf)

Percebe-se que a maioria dos entrevistados (63,9%) possui graduação em Letras – Português/ Inglês. Já o curso de Letras/ Inglês é a formação de 19,4% dos entrevistados. Empatados com 5,6% aparecem aqueles: (i) formados apenas em Letras, que não especificaram sua habilitação (Inglês, Português, etc.); (ii) formados em Pedagogia; e (iii) com duas graduações: Letras Português/ Inglês e Comércio Exterior (2,78%) e Letras Inglês e Gestão Ambiental (2,78%).

Quando questionados sobre há quanto tempo estão atuando como professores de língua estrangeira no Ensino Fundamental II, verifica-se que exatamente 50% ministram aulas a menos de 5 anos, 22,2% entre 6 e 10 anos e 27,8% há mais de 10 anos.

Com relação à quantidade de anos do Ensino Fundamental II (5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano), dos 36 participantes, 16 dão aula para apenas 1 ano e 20 para 2 ou mais anos. Conforme dados a seguir, a maior carga horária dos professores está distribuída no 6º ano (24,69%), enquanto no 5º ano a carga horária dos respondentes é de 12,35%. Para os dados que se referem à quantidade de alunos em sala de aula, foi feita a comparação considerando se a escola era pública ou privada.

Nas instituições públicas, 83,33% das salas de aula contam com mais de 30 alunos, e nas instituições privadas esse número se inverte claramente: 76,67% das turmas têm menos de 30 alunos. É oportuno ressaltar a observação de um dos respondentes quanto ao alto número de alunos em escolas públicas: “Nas escolas públicas a pronúncia não é muito trabalhada, devido ao grande número de alunos por sala e ao pequeno tempo disposto para o ensino da língua inglesa” [sic].

Além da quantidade total de alunos, foi verificada a quantidade de alunos estrangeiros em sala de aula. Dos 36 professores que participaram da pesquisa, apenas 4 possuem aluno(s) estrangeiro(s) em sala. Esse aspecto se torna relevante, pois alunos estrangeiros podem despertar a curiosidade dos outros estudantes para o aspecto intercultural, com a troca de informações sobre culturas diferentes, aproximando os assuntos abordados em sala de aula com a realidade de cada um.

Após o levantamento dos perfis dos participantes e do campo de atuação, a presente pesquisa investigou a percepção dos professores sobre os níveis de importância da pronúncia, gramática, interpretação de texto e produção de texto, com relação à abordagem da interculturalidade (objeto do presente estudo) em sala de aula.

Primeiramente foram comparados os aspectos “interculturalidade” e “pronúncia, e nota-se que a porcentagem de participantes que as consideram “5-mais importante” são muito próximas: 13 (36,11%) e 12 (33,33%), respectivamente. A maior discrepância entre os dois fatores acontece no nível 3 de importância: 11 (30,55%) para a pronúncia e 4 (11,11%) para a interculturalidade. Com esses dados percebe-se que a pronúncia

e a interculturalidade, na visão dos professores, são consideradas importantes, pois a maioria das respostas foi concentrada nos níveis 5 e 4.

Na comparação entre “interculturalidade” e “gramática”, conforme, 83,33% dos participantes se concentram nos níveis 5 e 4 para a interculturalidade, e 61,11% para a gramática. Esta informação chama a atenção, pois há uma tendência para que o ensino de língua estrangeira não seja focado nos aspectos gramaticais, mas no uso da língua, conforme dispõem os PCN’s:

Testes que tenham como objetivo apenas verificar o domínio do conhecimento sistêmico pelo aluno e as tradicionais questões de compreensão escrita, que só fazem o aluno procurar no texto a resposta usando estratégias de decodifica-lo, não são formas adequadas de avaliação de compreensão escrita por não envolverem a colaboração do leitor na construção social do significado. (BRASIL, 1998, p. 82).

A interpretação de texto também foi outro aspecto comparado com a interculturalidade. O gráfico permite identificar que 63,88% dos participantes consideram a interpretação de texto como “5-mais importante”, enquanto 36,11% consideram a interculturalidade. Com isso, é possível verificar que a interpretação de texto tem duas vezes mais representatividade que a interculturalidade no item 5-mais importante.

O último item verificado foi a produção de texto. Nesse quesito, houve um equilíbrio com a interculturalidade nos itens 5 e 4 do nível de importância. A maior discrepância ocorreu no item 3: 11,11% consideram a interculturalidade neste nível e 30,55% a produção de texto.

Analisando, é possível verificar a relação da interculturalidade com todos os itens envolvidos (Produção de Texto, Pronúncia, Gramática e Interpretação de Texto). Dentre todos os professores que responderam ao questionário, a maior ocorrência da interculturalidade está no grau 4 de importância (47,22%). Quanto ao aspecto “5-mais importante”, a interpretação de texto atinge uma alta pontuação, com grande diferença entre ela e a interculturalidade, que foi segunda colocada com 36,11%. Um dos participantes manifestou sua opinião, considerando que não há necessidade de trabalhar a interculturalidade como um item específico em sala de aula, mas uma ferramenta para o ensino da língua:

É necessário levar em consideração que trabalhar a interculturalidade pode ocorrer de forma espontânea, por isso, nem sempre vai precisar de aula disso. Uma simples curiosidade trazida em sala já pode ser o gatilho. [sic]

Em contrapartida, outro participante emitiu opinião contrária, expondo

Gostaria que os materiais didáticos apontassem a interculturalidade como fator intrínseco para aprender um idioma (tal qual a noção de língua-cultura)

e não comente como seção de curiosidades nos livros. Quando trato deste assunto, devo quase sempre fazer minha própria pesquisa e elaborar meus próprios exercícios. Acho o tema desta pesquisa muito relevante! [sic]

Para finalizar a pesquisa, os professores fizeram uma avaliação sobre como consideram o próprio conhecimento sobre interculturalidade, além de indicar como o material didático utilizado em sala de aula aborda o tema. Dos 36 participantes, 63,88% consideraram o seu conhecimento “Bom”, 25% “Excelente” e apenas 11,11% o classificaram como “Razoável”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa e da análise dos dados, torna-se possível apresentar algumas considerações sobre as questões que foram objeto da investigação.

Este estudo pretendeu analisar a relação dos professores do EF II com a interculturalidade, por meio da identificação de pontos como: compreensão, grau de importância e conteúdo dos materiais didáticos utilizados, por exemplo. Para isso, por meio da fundamentação teórica objetivou-se conhecer aspectos relacionados à interculturalidade, passando pelo referencial histórico, até a utilização como ferramenta em sala de aula, evidenciando-se sua aplicação no ensino de língua inglesa.

No que se refere ao objetivo específico de identificar qual é a compreensão que o professor de inglês do EF II tem sobre interculturalidade, a averiguação foi pautada na autoavaliação, em que a grande maioria dos participantes considerou ter uma boa compreensão do que é interculturalidade. Uma hipótese para essa teoria é o acesso à informação, que se tornou mais amplo com a internet, atingindo um número maior de pessoas. Com isso, muitos professores têm acesso à cultura da língua estrangeira sem sair do seu próprio país.

Concluiu-se do segundo objetivo específico – conhecer o grau de importância dado pelos professores de inglês a aspectos como gramática, pronúncia, interculturalidade, interpretação e produção de texto no ensino da língua inglesa – que a maior importância é dada primeiramente à interpretação de texto e depois à interculturalidade, e que, mesmo com a tendência nos cursos de graduação e nas escolas em ensinar menos regras gramaticais e focar mais no uso da gramática dentro de um contexto, há um grande número de professores que ainda consideram a gramática um dos itens mais importantes.

Quanto ao objetivo específico de saber se os materiais didáticos abordam a interculturalidade em seus conteúdos, houve um aspecto contrário nas respostas, pois uma grande parte avaliou que o material utilizado aborda pouco o tema

interculturalidade, e outra parte informou que é muito abordado. Um número reduzido informou que não é abordado.

Desse modo, ao atingir os objetivos específicos, foi possível alcançar o objetivo geral de analisar se os professores do Ensino Fundamental II estão de fato considerando a interculturalidade no ensino/aprendizagem de língua Inglesa. Além da análise de dados realizada ao longo do Capítulo 6, subsidiadas pela pesquisa, pode-se citar que o estudo permitiu a reflexão de outros elementos relacionados ao tema, bem como o de futuros estudos sobre o perfil dos professores e a relação com a interculturalidade; a utilização da interculturalidade como ferramenta ou como objetivo final no ensino da língua inglesa, entre outros.

Assim, respondendo à pergunta de pesquisa, os professores consideram a interculturalidade como um ponto importante no ensino/aprendizagem da língua inglesa, inclusive atribuindo-lhe um grau de relevância aproximado a aspectos importantes no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Muito além da gramática**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BARROS, J. de. Alunos do Ensino Fundamental II. **Brasil Escola**, abr. 2012. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/educacao/alunos-ensinofundamental-ii.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2016.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental – língua estrangeira. Brasília: MEC; SEF, 1998.
- BRAWERMAN-ALBINI, A.; MEDEIROS, V. da S. (Org.). **Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 2013.
- BYRAM, M. **Cultural studies in foreign language education**. Philadelphia: Multilingual Matters, 1989.
- ÇAKIR, I. Developing cultural awareness in foreign language teaching. **Turkish Online Journal of Distance Education**, *Eskişehir*, v. 7, n. 3, p. 154-161, July 2006. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED494346.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2017.
- CANDAU, V. M. (Org.). **Didática Crítica Intercultural**: aproximações. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CHAUÍ, M. de S. **Cultura e democracia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- DODEBEI, V.; LEITE, R. D. A internet como exercício da interculturalidade: um estudo de caso do blog Indígena Arco Digital. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CULTURA E COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA, 3., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2010.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.
- GIMENEZ, T. Eles comem cornflakes, nós comemos pão com manteiga: espaços para reflexão sobre cultura na sala de aula de língua estrangeira. **Boletim NAPDate**, Londrina, v. 5, p. 4-5, 1998.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (Org.) **Representation**: cultural representation and signifying practices. London: SAGE Publications, 1997. p. 34 -82.
- KRAMSCH, C. **Context and culture in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Language and Culture**. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- LOPES, D. V. As novas tecnologias e o ensino de línguas estrangeiras. **Revista Científica Tecnologus**, São Paulo, v. 02, n. 04, p. 34-56, mar. 2010
- MEAD, M. **Sex and temperament in three primitive societies**. New York: Harper Collins, 2001.
- MOLIN, S. L.; RAABE, A. Novas tecnologias na educação: transformações da prática pedagógica no discurso do professor. **Acta Scientiarum. Education**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 249-259, abr. 2012.
- PERTEL, T. A Competência comunicativa intercultural: impacto dos ETAs na formação de professores de inglês. In: BRAWERMAN-ALBINI, A.; MEDEIROS, V. da S. (Org.). **Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 2013. p. 213-224.
- ROTTA, M.; BATISTELA, E. M. Educação tecnológica: uma nova perspectiva pedagógica. **Actualidades Investigativas en Educación**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 34-49, jun. 2012.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA JÚNIOR, J. H. O uso da tecnologia no ensino de língua estrangeira. **Helb**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 34-45, mar. 2012.

VIEIRA, S. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

## APÊNDICE – QUESTIONÁRIO

### Pesquisa com os Professores de Língua Inglesa do EF II

Este questionário tem por objetivo coletar dados para o Trabalho de Conclusão do Curso de Letras das alunas Angela Luiza Lago e Rosani Lopes para a

FAE Centro Universitário.

#### 1 Qual a sua idade?

até 30 anos  31 – 40 anos

41 – 50 anos  mais de 50 anos

#### 2 Qual é o seu nível de ensino?

Graduação Incompleta  Graduação Completa

Aperfeiçoamento  Especialização

Mestrado  Doutorado

#### 3 Informar sua Graduação (Caso seja em Letras, indicar a habilitação (Inglês, Português / Inglês, etc.).

---

#### 4 Atualmente, você ministra aulas em instituição (selecionar as duas opções, caso atue em ambas).

Público  Privado

#### 5 Há quanto tempo atua como professor de língua inglesa no EF II?

menos de 5 anos  de 6 a 10 anos  mais de 10 anos

#### 6 No momento, você ministra aulas para:

5º ano  6º ano  7º ano  8º ano  9º ano

#### 7 Qual é a média de alunos em cada sala de aula?

entre 20 e 30 alunos  entre 31 e 40 alunos  mais de 40 alunos

**8 No total, existem quantos alunos estrangeiros nas suas salas de aula?**

0 zero  entre 1 e 3 alunos  entre 4 e 7 alunos  mais de 7 alunos

**9 Na escala de 1 a 5 (sendo 1 – *menos importante* e 5 – *mais importante*), qual o grau de importância que você dá para cada item? Assinale com um X:**

Gramática	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Pronúncia	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Interpretação de texto	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Produção de texto	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Cultura – Interculturalidade	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

**10 Você aborda a interculturalidade no ensino/aprendizado de língua inglesa?**

Sim, pois considero relevante.

Às vezes, pois o tempo de aula é muito curto.

Não, pois não considero relevante.

**11 Você considera o seu conhecimento sobre interculturalidade:**

Excelente  Bom  Razoável  Fraco

**12 O material didático que você utiliza aborda a interculturalidade?**

Totalmente  Parcialmente  Não aborda

**13 Agradecemos sua colaboração! Caso queira deixar algum comentário, utilize o espaço abaixo:**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---